

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ
CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS DE AUTORIA FEMININA: DO MEDIEVO AO
CONTEMPORÂNEO

DOSSIE PRESENTATION

LITERARY CARTOGRAPHIES ON FEMALE AUTHORSHIP: FROM MEDIEVAL
TO CONTEMPORARY TIMES

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p3-5

Este número da Revista *Ártemis* reúne contribuições resultantes dos debates suscitados durante a II Jornada Gênero e Literatura, ocorrida nos dias 10 e 11 de junho de 2015, na UFPB. O evento foi promovido por quatro grupos de pesquisas do PPGL, vinculados ao CNPq: Grupo Christine de Pizan, Grupo Escritoras oitocentistas, Grupo Estudos de gênero na literatura e cultura e LIGEPSI- Grupo Literatura, Gênero e Psicanálise.

As/os pesquisadoras/pesquisadoras/es vinculadas/os aos referidos grupos vêm desenvolvendo trabalhos e atividades acadêmicas que privilegiam temas e abordagens teóricas na área dos Estudos feministas, de gênero e da História das mulheres. Os frutos desse trabalho conjunto podem ser percebidos no expressivo número de dissertações e teses defendidas nessa área nos últimos anos, bem como na demanda crescente de candidatas/os ao Programa de Pós-Graduação em Letras dessa instituição que buscam desenvolver suas pesquisas nesse campo de abordagem. Em resposta a tal demanda foi criada a linha de pesquisa “Estudos culturais e de gênero”, em vigência no Programa a partir do ano em curso.

A segunda edição da Jornada Gênero e Literatura teve, portanto, uma significação especial nesse momento de consolidação dos estudos feministas e de gênero no PPGL. Ano em que completa quarenta anos de existência, o PPGL testemunha sua contínua abertura a novas abordagens, enfoques, e reafirma assim seu compromisso em acompanhar os desafios atuais e em atender aos anseios da comunidade acadêmica nessa perspectiva de problematizar a questão da alteridade e de repensar a diversidade das dimensões humanas.

A síntese que será apresentada a seguir reflete o viés multidisciplinar e plural das discussões sobre questões de gênero e relações de poder na Literatura. Percebe-se ainda a predominância de textos com ênfase na autoria feminina. Dos dez artigos que compõem o dossiê apenas

um não trabalha com textos produzidos por mulheres escritoras, o que espelha bem uma das propostas centrais do evento: revisitar a História Literária na busca de evidenciar a vasta produção feminina que ao longo dos séculos foi sendo encoberta. Ao discutir o processo de canonização responsável pelo pouco ou inexistente conhecimento da sociedade sobre obras escritas por mulheres antes do século XX, buscou-se dar destaque precisamente a obras de autoria feminina desde o período medieval à contemporaneidade.

A apresentação dos artigos seguirá a ordem dos eixos temáticos que nortearam a II Jornada Gênero e Literatura: “Christine de Pizan e mulheres de Letras da Idade Média”, “Escritoras oitocentistas” e uma proposta mais ampla englobando “Literatura e Gênero”.

O dossiê inicia com três artigos sobre a surpreendente participação feminina no campo literário medieval. No primeiro artigo, intitulado “Beatas trovadoras: Cantiga de amor cortês a Deus na Europa medieval”, Karine Rocha apresenta alguns escritos de beguinhas, religiosas independentes de ordens e congregações dirigidas por clérigos que buscavam viver suas experiências com Deus sem intermédio da Igreja. Essas mulheres durante mais de três séculos, na Baixa Idade Média, difundiram em língua vulgar seus vastos conhecimentos teológicos, se posicionaram contra a dominação totalitária do alto clero e, através de cartas, poemas, visões, registraram suas experiências amorosas com Deus, em uma linguagem místico-erótica. Duas obras dessa literatura mística são objeto de análise dos artigos seguintes.

Em “Revelations of divine Love: a imagem feminina de Deus na obra de Juliana de Norwich”, Fernanda Cardoso destaca na obra da mística inglesa a visão maternal de Deus, apontando a recorrência de metáforas e vocabulário ligados ao universo da maternidade, como: ventre, útero, parto, mãe. Outro aspecto inovador destacado no texto é o emprego da palavra “sensuality” para descrever a relação humana com

o divino. A valorização da sensualidade humana percebe-se também na sua interpretação do pecado original, visto pela beguina como uma benção original. Suelma Moraes, em “Análise hermenêutica ricoeuriana: A questão de gênero em *Le mirouer des simples ames*, de Marguerite Porete”, identifica a presença do código do amor cortês no diálogo entre as personagens alegóricas: Amor, Fé e Razão e o caráter subversivo da “poética da vontade” nessa obra de fins da Idade Média. Moraes lembra que “foi a dialética da escrita desta autora que desencadeou sua expurgação da sociedade, motivando sua morte e destruição da obra, tendo sido, autora e obra, lançadas à fogueira, tamanha a força da linguagem poética que se transformou na própria referência”.

Do eixo temático “Escritoras oitocentistas”, cinco artigos estão aqui representados. O primeiro e o segundo desse bloco são de autoria de duas integrantes da linha de pesquisa Resgate do GT Mulher e Literatura da ANPOLL: Conceição Flores e Nadilza Moreira. Em “Ana Plácido: uma mulher à frente do seu tempo”, Flores traça o perfil biográfico da autora baseando-se sobretudo no texto autobiográfico “Meditações”, que faz parte do seu livro de estreia intitulado *Luz coada por ferros* (1863). O texto foi escrito, quando a autora encontrava-se encarcerada, acusada de adultério juntamente com seu companheiro, o escritor Camilo Castelo Branco. A pesquisadora destaca a erudição da escritora, tradutora e jornalista portuguesa e sua trajetória transgressora, revelando o inexpressivo lugar ocupado por ela na História da Literatura portuguesa em comparação a do seu companheiro. Em Estudos de gênero e autoria feminina: o caso Júlia Lopes de Almeida, Nadilza Moreira problematiza também o (não) lugar das mulheres escritoras, dessa vez, no contexto brasileiro, focando seu estudo na trajetória literária da escritora Júlia Lopes de Almeida. Ao propor a análise da coletânea *Ânsia Eterna* (1910), obra reeditada em 2013, pela Editora Mulheres, Moreira destaca a importância da política revisionista de pesquisadoras integrantes do GT na busca contínua de “recuperar a memória literária de escritoras brasileiras esquecidas nos oitocentos”.

Nesta mesma perspectiva, Ana Cláudia F. Gualberto discute em *Hilda Hilst e Beatriz Francisca de Assis Brandão: um diálogo sobre a autoria feminina o processo de canonização falocêntrico e a busca pela inclusão da literatura autoral feminina em mais espaços institucionalizados*. Tal discussão é proposta a partir da análise de dois metapoemas de Beatriz Brandão e Hilda Hilst, em que as escritoras, uma no século XIX outra no século XX, “buscam desestabilizar este lugar hegemônico, a partir de reivindicações trespassadas por questões de gênero, marcando, assim, um não-lugar, um entre-lugar”.

Utilizar a escrita como espaço de lutas e reivindicações feministas foi e ainda é uma forma recorrente na literatura produzida por mulheres. O artigo da investigadora da portuguesa Isabel Lousada “Mulheres como nós? Da visibilidade ao mito – estratégias eficazes” traz uma instigante pesquisa acerca de um conjunto de textos da sufragista Adelaide Cabete (1867-1935), publicados em dois periódicos portugueses nos anos trinta: *O Protesto* e *O Globo*. Nesses textos Cabete se refere a figuras de intelectuais feministas que tiveram um papel de relevância em suas épocas. Segunda Lousada, naquele contexto que antecede à aprovação do voto às mulheres, “evocar a luta destas pioneiras é um manifesto esforço para capturar atenção e conquistar visibilidade às causas (sufragistas) e feministas, procurando ampliar a margem de apoio por entre os leitores para o movimento mais vasto na defesa do sufrágio feminino”.

No último artigo desse bloco, Fábio da Silva analisa a obra de outra pioneira, a primeira romancista em língua portuguesa, em “Teresa Margarida da Silva e Orta. Problemáticas em torno da nacionalidade da primeira romancista em língua portuguesa”. Publicado com a indicação autoral de Dorothea Engrassia Tavadra Dalmira em 1752, o romance *Máximas de virtude e formosura com que Diófanes, Clymenea e Hemirena, Príncipes de Tebas, venceram os mais apertados lances da desgraça, põe em cena uma protagonista feminina que veste-se com roupas masculinas e como heroína salva o amado, transgredindo os papéis sociais de gênero*.

Os dois artigos que seguem correspondem às discussões propostas pelo eixo temático Literatura e Gênero. O primeiro é de Maria Rosário Leite, integrante do grupo coordenado pela prof^a Liane Schneider, “Estudos de gênero na literatura e cultura; campos de tensão e produção”. O artigo, que tem por título *Rearticulações e renegociações dos papéis de gênero no romance asiático canadense de Gurjinder Basran*, trata de um estudo sobre a produção feminina no contexto indo-canadense, focando o romance da escritora Gurjinder Basran, intitulado *Everything Was Good-Bye* (2010). Leite aponta em sua análise as negociações identitárias vivenciadas pela protagonista Meena “numa nova ordem transcultural” e nos apresenta nessa atual escrita de mulheres migrantes a constante “rearticulação dos papéis sociais de mulheres pertencentes a culturas tradicionais e que são acometidas pelas intempéries das diásporas contemporâneas”.

As contribuições aqui reunidas representam um recorte do que se discutiu na II Jornada Gênero e Literatura em consonância com pesquisas que estão se desenvolvendo no seio do GT Mulher e Literatura da ANPOLL e em grupos de instituições nacionais e internacionais, numa perspectiva da ginocrítica e de revisionismo histórico.

A sequência da trilha cartográfica de mulheres escritoras aqui apresentada é um convite a revisitar a historiografia literária buscando outras referências que ficaram à margem do cânone. Acreditamos que o dossiê “Cartografias literárias de autoria feminina” pode colaborar na reconstrução de uma história literária mais equilibrada e na descolonização do saber falocêntrico que continua nos sendo imposto nos diversos espaços institucionalizantes.

Todos os artigos do dossiê foram Recebidos em maio 2015 e aceitos em junho 2015.